

Centro Cultural de Belém

JOVENS ARTISTAS JOVENS

LÁ E CÁ

de Catarina Vieira e Solange Freitas

28 e 30 de Setembro 2007

Dia 28 às 19H30; dia 30 às 20H00

Sala de Ensaio

Duração aproximada: 45 minutos s/intervalo

"As memórias dos cenários que concebemos como desejos, anseios, metas e obrigações exercem uma influência sobre o si de cada momento. Sem dúvida que também desempenham um papel na remodelação do passado vivido, consciente e inconscientemente, e na criação da pessoa que nós imaginamos ser a cada momento. [...] A fecunda imaginação da nossa mente é capaz de preparar «múltiplos rascunhos» para o argumento da vida do nosso organismo."¹

Tomando o rosto como lugar onde mais difícil se torna agarrar a identidade, uma vez que não há nada mais instável do que um rosto, o espectáculo procura o enigmático movimento de devir de um rosto e, ao mesmo tempo, as maneiras que temos de o tornar máscara e máscaras.

O rosto é tomado como matéria que se fixa/ transforma, mas também que se oculta atrás de diferentes materiais. A acção de cobrir o rosto torna-se uma última tentativa de controlar aquilo que se diz. Por outro lado, as infinitas mudanças que um rosto carrega em si abrem inúmeras possibilidades de se ser.

Conseguiremos através destes rascunhos incompletos e confusos um olhar da identidade que se esquia permanentemente?

Não se querer enganar; não se deixar ler; não se tornar expressão; ser impassível; não mostrar a cara; esconder os olhos; não ver e não ser visto; filtrar a informação da alma; fingir-se de morto; não mostrar tudo; estar sempre a fugir; ter nove mil caras; estar morto; ver e não ser visto; ficar na sombra; ser igual ao outro para não ser o próprio; não perder o pé ou a cabeça; não sair do mesmo sítio.

Conseguiremos trazer para o teatro estes problemas? Será que colocam o corpo na luz ou na sombra?

¹ DAMÁSIO, A. (1999), "A consciência alargada", in *O Sentimento de Si*, 12ª ed., Lisboa: Europa-América, p.259.

Ficha Artística:

Texto - a partir do romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* de António Lobo Antunes

Criação e interpretação - Catarina Vieira e Solange Freitas

Colaboração artística - Luca Aprea

Cenografia, desenho de luz e figurinos - Wagner Borges

Assistência de figurinos - Teresa Borges

Apoio de voz - Natália de Matos

Fotografia - Catarina Cardoso Matos

Vídeo promocional - Rui Neto e Tiago Cravidão

Produção - Sandro Benrós

Residência artística - CAPa, Centro de Artes Performativas do Algarve (Faro); O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo).

Agradecimentos: Alfredo Franco, Andreia Godinho, Bruno Bento, Bruno Vieira, Catarina Matos, Domingos Morais, Fernanda Santos, Joaquim Vieira, John Romão, José Espada, José Pedro Caiado, Luís Fonseca, Marta Vieira, Miguel Cruz, Paula Garcia, Pedro Almeida, Rafael Tavares da Silva, Rita Lucas, Rui Neto, Tânia Alves, Tiago Cravidão.

CATARINA VIEIRA

Nasceu em Aveiro em 1983. Possui o Bacharelato em Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Profissionalmente, trabalhou com John Romão, Maria Ceia, Anabela Mendes, Paula Garcia, tendo ainda participado no 22nd International Fadjr Theatre Festival no Irão, com *(Still) Waiting for Godot*, encenado de Pedro Matos.

Participou no intercâmbio multilateral "Os Jovens e a Família" na Bósnia.

Em 2007, criou, em parceria com Solange Freitas, duas versões do espectáculo *Lá e Cá: Lá e Cá - rascunhos*, para o Serralves em Festa (Porto), e *Lá e Cá - Aparições*, para o Festival Internacional de Marionetas 2007 (Porto).

SOLANGE FREITAS

Nasceu em Lisboa em 1978. Frequentou o 4^o ano de Psicologia Clínica. Frequentemente actualidade o 5^o ano da Licenciatura em Actores e Encenadores na Escola Superior de Teatro e Cinema.

Participou em workshops e estágios com: Vera Mantero, João Fiadeiro, Mónica Calle, Patrícia Portela, João Garcia Miguel, João Mota, Adolfo Guttkin, Luca Aprea, Jack Shamblin, Andreas Lewin, entre outros.

Em 2007, criou, em parceria com Catarina Vieira, duas versões do espectáculo *Lá e Cá: Lá e Cá - rascunhos*, para o Serralves em Festa (Porto), e *Lá e Cá - Aparições*, para o Festival Internacional de Marionetas 2007 (Porto)

HAMLET LIGHT de Vvoitek Ziemilski

Dias 28, 29 e 30 de Setembro 2007

Dias 28 e 29 às 21H00; dia 30 às 18H00

Pequeno Auditório

Duração aproximada: 1H30 s/intervalo

É por escolhermos o cinema sobre o teatro 9 vezes em 10.
É por ficarmos sempre com esperança dessa décima vez.
É por amarmos Shakespeare. É por não aguentarmos Shakespeare.
É porque o pai dizia: despacha-te devagar.
É por sede de ter algo no fim.
É por pura curiosidade, se dava.
É por de repente ficarmos todos convencidos que até é capaz de dar.
É por gostar da superfície.
É pela combinação de fartura e entusiasmo.
É teatro puro e duro.
É consumível.
É light. Menos calorias. Um sabor ainda melhor.

Ninguém vai ao teatro. O teatro é aborrecido, pesado, mal representado, pouco credível. Quando se fazem revoluções teatrais, não é em nome do espectador, do *interesse*, mas sim do teatro. Assim, as revoluções criam novos monstros que só os especialistas de monstros *sabem estimar*. E nós também somos desses especialistas. Somos *monstrólogos*.

O projecto *Hamlet Light* surge da convicção de que os monstros ainda podem interessar – com a *demonstração* certa. Mas não pretendemos uma revolução. Pelo contrário, queremos *trivializar* o teatro. Torná-lo pura superfície. Interessa-nos o que brilha, o que é divertido, emocionante, drástico. Do grande *Hamlet* queremos manter apenas isso mesmo: o GRANDE *Hamlet*.

Não será melhor esquecer o teatro para gostar dele? Esquecer que estamos no teatro, esquecer como funciona? E se então «esquecêssemos» a ideia de espectáculo, concentrando-nos meramente na sua publicidade? Se em vez da peça, os espectadores vissem a criação de um trailer de um espectáculo? O que fica? Qual será a nova escala de possibilidades?

Irreverente, irónico. Mas não cínico. Sob a aparente superficialidade e cinismo esconde-se um interesse real pelo teatro, pelas questões que traz e mundos que cria - e sobretudo pelo gozo que o palco pode trazer ao espectador.

Regras:

1. Do elenco fazem parte a *Realizadora*, o *Narrador*, bem como cinco *Actores*, o *Director de Imagem*, a *Cenógrafa*, e o *Músico*.
2. Durante o espectáculo pede-se aos actores para representarem fragmentos da peça *Hamlet* de William Shakespeare.
3. O único objectivo desses «ensaios abertos» é criar um *trailer* (vídeo) para um espectáculo potencial.
4. No fim, os espectadores poderão apreciar o *trailer*, de ca. 3 minutos.

5. No espectáculo vai haver um curto intervalo aproveitado para edição do *clip*.

Porquê *Hamlet*?

Se *Hamlet* é a obra-prima sobre a representação, *Hamlet Light* aborda o tema através da perspectiva própria de uma cultura da imagem e do filme. É o «teatro no teatro» contemporâneo. A própria representação torna-se simplesmente mais um elemento da estrutura. A peça é mostrada em fragmentos, muitas vezes desligados uns dos outros. Esta liberdade aparente motiva o espectador a reconstruir a história, a escolher a sua própria relação com o universo que encontra. E a escolher o seu enquadramento. Será este um ensaio? A encenação de uma peça? A rodagem de um filme? A crítica do mundo do espectáculo? A análise de uma obra? Para nós, é um objecto cénico. Todas as outras respostas serão do espectador.

A passagem da presença à representação, as possibilidades de recontextualização, os conceitos de enquadramento e de jogo, são temas fascinantes a explorar. Mas tudo isso só faz sentido se não nos esquecermos do espectador.

Ficha artística:

Encenação

Vvoitek Ziemilski

Realização

Patrícia Leal

Cenografia/ Coordenação estética

Verónica Conte

Concepção da Cinematografia

Patrícia Leal / Sérgio Brás d'Almeida

Música/Sonoplastia

João Bordeira

Desenho de Luz

Duarte Sousa / Vvoitek Ziemilski

Produção

Liz Vahia (direcção)

Andreia Serras (assistência de produção executiva)

Cláudia Regina (supervisão)

Elenco

Carlos Custódio, Eduardo Frazão, Maria João Machado, Marta Inocentes

Telmo Bento e *também* André Cascais, João Bordeira, Patrícia Leal, Verónica Conte

e Vvoitek Ziemilski

Uma produção

Cotão Associação Cultural / Stimulus Productions

Co-produção

João Garcia Miguel

Vvoitek Ziemilski

Nasceu em 1977. Trabalha nas áreas de teatro experimental e de performance. Trabalha também com vídeo e instalações. Estudou na Polónia e em França, com uma tese acerca da identidade do espectador de teatro.

Tirou o curso de encenação («Novos caminhos do teatro alternativo») com o grupo britânico Third Angel na Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Ensina teatro experimental e de performance em Lisboa (Fórum Dança, Espaço Evoé, etc.) e noutros sítios em Portugal, nomeadamente em Montemor-o-Velho e em Coimbra, onde dirige oficinas de experimentação no quadro dos cursos anuais de teatro organizados por TEUC e CITAC. É autor do *blog* sobre arte contemporânea <http://new-art.blogspot.com>, escreve também para vários jornais e revistas polacos e portugueses. Dos trabalhos mais recentes: curta-metragem =2, performance/instalação *Monómadás*, com ISCSP, performance *Telefone Estragado* para a mostra Arte Non Stop, performance *Zapalki* (Fósforos), para o Festival de Performance e Vídeo em Varsóvia. Entre as suas influências encontram-se Wooster Group, Xavier Le Roi, Third Angel, Dumb Type e o teatro futurista. Reside em Portugal desde 2002.

DOS JOELHOS PARA BAIXO

de Márcia Lança

29 e 30 de Setembro 2007

Dia 29 às 19H30; dia 30 às 17H00

Sala de Ensaio

Duração aproximada 35 minutos s/intervalo

Público: a partir dos 8 anos

Sinopse

“Partindo duma sequência de desenhos nascidos no ATL da escola nº6 de Campo de Ourique em que os traços do lápis são apagados pela borracha, notei que apagar sem deixar marcas era impossível. Coloquei a questão em cena, passando do suporte *folha de papel* ao suporte *espaço*. Mantive a folha de papel e trabalhei-a no estúdio fazendo-a interagir comigo. Surgiu destas experiências, que inicialmente se reduziam à transformação da *matéria folha* noutras matérias, uma série de acções com homens e mulheres de papel. Estas personagens são expostas a sequências de acontecimentos que determinam o seu fim, a sua continuação ou reutilização na peça. Uma cidade de papel é construída lentamente.”

Márcia Lança

Ficha Artística:

Criação e interpretação - Márcia Lança

Colaboração artística - Iuri Albarran e Tiago Hespanha

Música e desenho de som - Nuno Morão

Desenho - Márcia Lança

Fotografia - Iuri Albarran

Residência artística - Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo e Atelier Real, Lisboa

Produção - Márcia Lança

MÁRCIA LANÇA

Nasceu em Beja em 1982. Estuda Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa. Em 2006 recebe o primeiro prémio do Programa Jovens Artistas Jovens com o solo *dos joelhos para baixo*. Destaca o trabalho de intérprete com os coreógrafos João Fiadeiro (projecto *Existência*), Cláudia Dias (co-criação de *3 Figuras do Excesso* e colaboração em *Visita Guiada*) e Miguel Clara Vasconcelos (co-criação de *Inter_actividade*). Colaborou em 2005/06 com Olga Mesa no Pôle Sud em Estrasburgo. Inicia a sua formação em Artes do Espectáculo no Chapitô (1999/02). Da formação em dança destaca *ex.e.r.ce 05* no CCN de Montpellier, o curso básico de Análise do Movimento, pelo IAM (2004), o Curso de Dança Contemporânea e Pesquisa de Movimento na SNDO de Amesterdão (2003), o *Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica* no Fórum Dança (2002) e a formação contínua no C.E.M. (2001/04) Estudou Voz no Conservatório Regional do Baixo Alentejo (1998/99) e desenvolveu composição vocal com Francisco D'Orey, Catherine Rey, Meredith Monk e Lúcia Lemos.

IURI ALBARRAN

Nasceu em Lisboa em 1981. Licenciou-se em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa em 2005. Em 2001 estudou na Universidade de Paris. Durante esse período colaborou nas curtas-metragens *Perto* de Pedro Pinho e *Lécher Vitrines* de Mar Fazenda.

Entre 2002 e 2005 foi investigador em projectos no âmbito da sociologia da saúde e dos comportamentos de risco no Centro de Estudos Fórum Sociológico.

Em 2005 iniciou o curso de Jornalismo Visual no CENJOR e, posteriormente, um estágio profissional de fotojornalismo no Diário de Notícias. Actualmente trabalha como assistente de fotografia com o fotógrafo Kenton Thatcher.

TIAGO HESPANHA

Nasceu em 1978, em Coimbra. Licenciou-se em arquitectura em 2004, na Universidade de Coimbra. Entre 2004 e 2006 trabalhou no atelier do Arq. Pedro Maurício Borges como arquitecto estagiário. Foi co-autor e produtor do projecto "relvinha.cbr_x" desenvolvido no âmbito da Capital Nacional da Cultura, Coimbra 2003. Em 2006, tirou o Curso de Realização de Documentários da Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com os Ateliers Varan, no âmbito do qual realizou o filme "Quinta da Curraleira". Desde 2003, tem produzido investigação teórica em temas relacionados com a visão na área da cultura e dos estudos visuais.